

# DEL JUEGO A WINNICOTT: UNA REVOLUCIÓN SILENCIOSA

DO JOGO A WINNICOTT:  
UMA REVOLUÇÃO SILENCIOSA

FROM GAME TO WINNICOTT:  
A QUIET REVOLUTION

María Eugenia Centeleghe  
Asociación Argentina de Psiquiatría y Psicología de la Infancia y la  
Adolescencia  
Correo Electrónico: [mecenteleghe@gmail.com](mailto:mecenteleghe@gmail.com)  
ORCID: 0009-0001-6905-0335

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**  
Centeleghe M. E. (2023) DEL JUEGO A WINNICOTT: UNA REVOLUCIÓN SILENCIOSA  
Intercambio Psicoanalítico 14 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2. 15/  
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# DO JOGO A WINNICOTT: UMA REVOLUÇÃO SILENCIOSA

Eugenia Centeleghe<sup>1</sup>

1María Eugenia Centeleghe.  
Licenciada em Psicóloga UNLP. Pós-  
graduação "Formação em clínica  
psicoanalítica da infância e  
adolescência" ASAPPIA. Membro  
aderente ASAPPIA.

Autor: Alfredo Tagle

2016 - 224 Páginas

Lugar editorial

Buenos Aires

Resenha realizada por: María Eugenia Centeleghe

Alfredo Tagle, neste livro tenta fazer uma articulação dos conceitos fundamentais da obra winnicottiana, os quais considera muito pertinentes para pensar os desafios atuais da clínica. Destaca-se a originalidade de Winnicott, no modo de conceituar o jogo, onde se sobrepõem duas zonas de jogo; A do paciente e a do analista. Assim também, o papel do analista com uma atitude aberta, capaz de sobreviver ao ódio e à agressão na transferência. O desenvolvimento do livro, consta de oito capítulos, nos quais se mergulhará no universo winnicottiano, fazendo um percurso pelos seguintes conceitos: jogo, agressão, realidade, em sua dupla versão como vivência e como exterioridade, o papel do pai, a ilusão, a experiência emocional e a criatividade. Ao longo do livro encontraremos fragmentos de prontuários clínicos do próprio autor.

No capítulo 1, destaca-se a importância do jogo na clínica com crianças, e as tentativas de conceituação ao longo da história da psicanálise. Partindo de Freud, com o caso Juanito e a aproximação à idéia de um processamento psíquico transformador das moções pulsionais no jogo, logo com Melanie Klein, retoma a idéia de que as crianças através do jogo, dão forma às fantasias inconscientes, projetando no exterior as ansiedades persecutórias e perigosas, permitindo seu sujeitamento. Finalmente, retoma Winnicott, assinalando que é a partir do seu desenvolvimento que o jogo adquire real relevância na clínica com crianças, já que tenta compreender a verdade por trás do fenômeno da ilusão que mantém a criança no jogo, algo que não pertence ao mundo interno, nem ao exterior, mas é uma zona intermédia "estado de ilusão". Em relação à ilusão, apresenta as condições para que se origine, e é a disponibilidade do adulto para sustentar o cenário lúdico. Sobre a ilusão Tagle postula:

Uma vez estabelecida a diferenciação eu-não-eu, o estado de ilusão no qual ocorre o jogo criativo torna-se possível a partir, como dizíamos de um eu que se dissocia. Por um lado, mantém a diferenciação alcançada entre o mundo subjetivo e a realidade e, por outro, permite-se uma regressão a modalidades mais primitivas de relação com o mundo. Winnicott postula uma fusão entre objeto subjetivo e o oferecido pelo mundo externo, percebido de forma objetiva, e precisamente neste Você costura a ilusão, no estado que é alcançado por não exigir diferenciação e dar origem à crença de que o objeto encontrado-criado é o mesmo da fantasia. (Tagle, 2016, p.34)



Neste capítulo também menciona o papel do analista e as resistências que pode produzir o aceitar ser partener no jogo do paciente, tolerar a transferência, ajudar a conter e processar as emoções que se situam nele. Por último, faz uma referência às patologias e à capacidade de brincar, salientando a possibilidade do eu para poder dissociar-se, afastar-se parcialmente do sentido de realidade e através de fragmentos clínicos, nos adentra nas complexidades que nós analistas devemos enfrentar frente às diversas apresentações atuais.

No Capítulo 2, "A agressão" toma a definição de agressão de Winnicott, que enfatiza, que o ódio e a destrutividade não são negativos em si mesmos, mas são experiências fundantes do desenvolvimento emocional. O lugar onde esta agressão ocorre, e como o outro decodifique a mesma, resultará em sua conotação negativa ou positiva. Retoma a idéia de winnicottiana que a origem da agressão é a motilidade, como ação surgida desde o biológico na incipiente emergência do psíquico e faz uma descrição exaustiva de como pode dar-se esta origem. Assume relevância o conceito de mãe suficiente boa, aquela não só capaz de satisfazer as necessidades do bebê, mas aquela que também dá lugar ao que o eu da criança se instale sendo protagonista de sua experiência. Finalmente, menciona que esta experiência de satisfação pode ter variáveis, e que existem pelo menos três padrões que podem ser úteis para a clínica. O primeiro em que há integração do eu, sinônimo de saúde e bem-estar. O segundo e terceiro são patológicos, seja porque o sujeito se sente real quando é destrutivo e cruel ou porque é incapaz de armar um eu em contraposição do meio (falso self).

A destruição está em todo processo criativo, não há criação sem destruição (...). Além disso, todo trabalho de simbolização genuíno, como criação pessoal e única, implica destruição. (Tagle, 2016, p. 70)

Nos capítulos 3 e 4 o autor diferencia o conceito de realidade, em suas duas dimensões como vivência e como experiência, a primeira como aquela criada de maneira onipotente pelo bebê a partir da ilusão, capacidade que se constitui no interior do vínculo. A segunda relacionada aquilo que se encontra por fora do controle onipotente do sujeito. Esta diferenciação que retoma de Winnicott, articula-a com os conceitos de objeto subjetivo, objeto transicional e fenômeno transicional, que resultam de suma importância no processo que deve fazer a criança para ir definindo e delimitando essa passagem do interior e do exterior, do interior e do exterior, da fantasia à realidade.

No Capítulo 5, encontramos um desenvolvimento interessante da função do Pai, descreve-o como o encarregado de ajudar a manejar a agressão da criança no momento da autoafirmação, propiciando a manifestação da agressão, mas dentro de certo enquadramento. Propiciando a integração da agressão dentro da vida anímica da criança, condição fundamental para passar do plano da fantasia à realidade exterior.

No Capítulo 6, realiza um percurso pelos diferentes significados da palavra ilusão, enfatizando a conotação que lhe dá Freud e Winnicott. Em primeiro lugar, como aquela onde se localiza o desejo e por isso o inconsciente, e em segundo lugar a ilusão como potencial criativo, transformador e elaborativo.

No Capítulo 7, o autor aborda a Experiência emocional, para isso se refere a uns dos primeiros artigos de Winnicott, Desenvolvimento Emocional Primitivo (1945). A respeito Tagle (2016):

As experiências emocionais, motor do desenvolvimento, serão o correlato da elaboração imaginativa das funções corporais, conseguida no intercâmbio com a mãe. As emoções, por sua vez, como desprendimento do somático, constituem-se em “interfase” entre o corpo e o psiquismo, são a primeira fundição de uma interminável série de transformações. As emoções são também o nexos que nos une com o pré-individual, uma incomensurável estranha que nos habita, ao mais distante, estranho e imaterial nas entranhas de nosso próprio corpo. (Tagle, 2016, p. 173)

O desenvolvimento emocional como paradigma supõe um postulado preliminar de que: a partir da elaboração imaginativa das emoções, e demais emergentes corporais, se vai construindo o psiquismo como uma estrutura intermediária entre o organismo e o entorno. (Tagle, 2016, p. 174)

No oitavo e último capítulo, Alfredo Tagle, retoma a importância da criatividade no sujeito. No oitavo e último capítulo, Alfredo Tagle, retoma a importância da criatividade no assunto. O bebê desde os primeiros tempos no vínculo com a mãe, vai tornado de significado o mundo interior e exterior, depois através do jogo, posteriormente através da arte, dando lugar à produção do tecido psíquico. Agora, quando o sujeito não consegue simbolizar a realidade, isso pode levar ao aparecimento de sintomas. Assim, o espaço psicanalítico e as intervenções do analista devem ser um lugar de criação, onde só há repetição.

#### Comentários

Um livro muito interessante, fornece uma leitura conceitual, exaustiva e atual dos desenvolvimentos teóricos de Donald Winnicott. Cabe destacar que o desenvolvimento dos fragmentos dos casos clínicos, a meu critério proporciona ferramentas aos psicanalistas, para pensar nas apresentações da clínica atual. É de destacar a relevância que dá ao trabalho com as famílias, levando em consideração esse “entre” no qual tem lugar a constituição psíquica. Oferece uma leitura, que para aqueles que estão comprometidos com as infâncias e as adolescências, oferece um marco conceitual que transcende as paredes do consultório, interpelando nossa prática. A agressão como constitutiva do ser humano, e a importância desse outro adulto que contenha e sustente, dentro de um marco de respeito e amor pelo semelhante, condição tão necessária no mundo contemporâneo.

#### Referências Bibliográficas

Tagle, A. (2016) *Do jogo a Winnicott: uma revolução silenciosa*. Lugar Editorial. Cidade autônoma de Buenos Aires.

Winnicott, D. (1945[1979]) *Desenvolvimento Emocional Primitivo*, em *Escritos de Pediatria e Psicanálise*. Barcelona: Editora Laia.